



PICASSO, 90 ANOS

Aos 90 anos de idade — completará depois de amanhã — é bastante difícil associar Picasso à idéia de velhice, com todo seu significado de decadência e estagnação. Françoise Gilot, que com 21 anos de idade uniu-se ao mestre quando ele tinha 61 anos, ao separar-se dele justificou-se: "Estou cansada de viver com um monumento histórico."

Mas logo em seguida teve que voltar atrás e reconhecer que o período de vida com Picasso foi "uma monumental exibição de virilidade". Porque em 1954, com 73 anos, Picasso voltava a casar-se. Com Jacqueline, de 34 anos, com quem vive desde então.

Não é apenas nesse aspecto que o tempo não conseguiu dobrar Picasso. Dois fatos recentes comprovam que os traços fundamentais de seu caráter, a energia e a vitalidade, que sempre resultaram numa grande capacidade criadora, continuam existindo. De março a outubro de 1968 produziu 734 gravuras que, apresentadas numa exposição em Londres, sob o patrocínio do Instituto de Artes Contemporâneas da Inglaterra, foram ameaçadas pela censura inglesa por serem muito eróticas.

Recentemente ele recebeu o título de "Cidadão Parisiense", por seus 70 anos de vida na França, e doou 57 desenhos ao Museu Reattu, de Arles. Os desenhos são datados de 30 de dezembro do ano passado a 4 de fevereiro deste ano. Comentário da imprensa francesa: "Demonstram a paixão e a fúria com que o pintor se apega a um tema, passando do estilo linear ao barroco sinuoso, frequentemente erótico, embora neste sentido a coleção de Arles seja considerada bastante moderada."

Essa vitalidade sempre aplicada na criação, levou muita gente a acusar Picasso de ser "um instável". Ele tinha sido artista que passara pela fase azul, negra, rosa, fora o pai do cubismo, abandonado pelo neo-classicismo, e em seguida pelo surrealismo. Mas a história mais realista de Picasso pode ser aquela que o considera o dono de uma dinâmica constante, o homem que acompanha o mundo. O fato de estar em avanço, ou de que regrediu em alguns momentos, é indiscutível. Mas, Picasso sempre esteve em movimento. Claire Guibbert, ao assistir em 1954 a mostra retrospectiva do pintor, abrangendo de 1900 a 1914, com telas cedidas pelos museus de Moscou e Leningrado, disse:

— Se houvesse se mantido fiel a esta época azul, Picasso seria um gran-

de pintor como hoje o é, sendo entretanto bem mais acessível e menos discutido. A característica deste homem é a evolução perpétua, quer na vida sentimental, quer na vida artística. Abandona sempre os séres e as coisas, sem que todavia possa romper definitivamente com ambos, o que explica sua vida, para mim profundamente trágica.

Apesar de todas as suas mudanças, de amores e de estilos, Picasso permaneceu estático e perene numa coisa: no ódio persistente à opressão e à injustiça, no comover-se com o sofrimento da humanidade. Nisso não mudou um milímetro e um juramento que cumpriu até hoje com extrema fidelidade — considerado pelos céticos como teimosia de velho — prova o quanto foi consistente: quando Franco assumiu o poder, Picasso jurou que não pisaria na Espanha enquanto ele existisse lá. E até agora não o fez.

Com todos os abalos e dúvidas sofridos pelos intelectuais das várias gerações por que passou neste século movimentado, ele não mudou. Depois de 1925 Picasso adota o surrealismo e identifica-se com seus poetas e teóricos: Paul Eluard e Aragon. Com eles ingressa mais tarde no Partido Comunista Francês. Como era comum entre os intelectuais da época, Picasso admirava Stalin e pintou um retrato dele com traços bastante estranhos. Exatamente no dia em que comemorava 80 anos de idade, festejando numa quermesse em sua homenagem na cidadezinha de Vallauris, na França, o XXII Congresso do PC Soviético resolveu retirar os restos de Stalin do Mausoléu da Praça Vermelha. As acusações contra Picasso cresceram: uns diziam que tom seu imenso prestígio, ao valorizar Stalin tinha valorizado cegamente o comunismo. Então o pintor, que pouco se importava com esse tipo de boato, indignou-se e fez questão de definir bem suas idéias:

— O que vocês pensam que seja um artista? Um imbecil feito só de olhos, se é pintor; ou de ouvidos, se é músico; ou de coração em forma de lira, se é poeta; ou mesmo feito só de músculos, se se tratar de um pugilista? Muito ao contrário, ele é ao mesmo tempo um ser político, sempre alerta aos acontecimentos, tristes, alegres, violentos, aos quais reage de todas as maneiras. Não: a pintura não é feita para decorar apartamentos. É um instrumento de guerra para operações de ataque e defesa contra o inimigo.

Bastava recordar-se de sua grande obra: "Guernica", uma das primei-

ras respostas de grande envergadura à propaganda fascista que se avolumava na Europa. Logo ao saber do arrasamento da cidadezinha basca de Guernica pela aviação de Franco, Picasso, fez questão de saber de todos os seus detalhes. E imediatamente pôs-se a pintar com fúria e emoção que poucos amigos souberam descrever. Em branco e preto foi retratado todo o horror de homens, mulheres e crianças mutilados, de uma maneira tão impressionante que o contasso que Abetz, embaixador de Hitler em Paris, ficou comovido ao ver a tela. Teria perguntado então, a Picasso, tentando ser desinteressado:

— É obra sua?
— Não, Sua. — respondeu Picasso com frieza.

Os quadros

Franco saiu vitorioso, Picasso nunca mais pisou na Espanha, e colocou "Guernica" no Museu de Arte Moderna de Nova York, para sua proteção. Os termos do contrato que assinou com o museu dizem que "Guernica" é propriedade do Governo Republicano Espanhol no Exílio, e que será devolvido à Espanha no dia em que "os direitos individuais voltarem a existir no país."

Em 1963, Jaime Sabartes, amigo de todas as horas e secretário de Picasso, velho e doente, sentiu que chegava a hora da morte e resolveu doar seus 450 quadros para Málaga, terra onde nasceu o pintor. Sabartes voltava-se para a sua amada Espanha. Picasso pediu-lhe que mandasse os quadros para Barcelona, cidade próxima a onde teve os seus anos mais felizes. Aproveitou e mandou 80 telas suas, junto com as de Sabartes.

O Governo espanhol imediatamente reformou o Palácio Erenquer de Agullar, para transformá-lo em Museu Picasso. E imediatamente começaram a correr boatos de que o mestre estaria abrindo sua posição com relação a Franco. Mas ele, sem esconder seu amor à sua terra e à sua gente, dizia:

— Franco desaparecerá, mas a Espanha ainda estará aqui.

Em 1970, doou mais de 800 telas ao museu de Barcelona. Entre elas, a famosa Ciência e Caridade, feita logo no início de sua carreira. O Governo espanhol exultou, a França ficou temerosa. André Malraux, Ministro da Cultura, por volta de 1963 ficou amargurado, porque naquela ocasião já tinha proposto fazer na França um gigantesco Museu Picasso, que se frustrou porque os gastos e os tra-

balhos administrativos para mantê-lo foram considerados demasiados. A França ressentia-se; afinal, ela havia acolhido o mestre e foram seus críticos e marchands cultos, que lhe deram fama e venderam seus quadros. Picasso esclarecia:

— É a Espanha que eu amo, que eu sempre amo. Se escolhi viver na França, foi pelo seu clima de liberdade espiritual e artística.

O argumento dado pelos amigos do pintor para o fato de ele ter cedido as telas; elas estavam abandonadas no segundo andar da casa onde moram os seus sobrinhos, em Barcelona, antiga residência da família, e Picasso considerava impossível retirá-las da Espanha.

Os espanhóis tentaram levar Guernica para dentro da Espanha. As agências noticiosas anunciaram, em outubro de 1969, que o diretor-geral de Belas-Artes da Espanha, Florentino Perez Embid, talvez entusiasmado com as negociações para o Museu de Barcelona, tinha pedido abertamente que Picasso cedesse Guernica ao Museu de Arte Moderna da Cidade Universitária de Madrid. E dizia:

— Os valores artísticos de Guernica estão acima de quaisquer aspectos políticos.

O biógrafo de Picasso ia mais longe em sua euforia, insinuando que Picasso poderia quebrar sua promessa de não pisar na Espanha:

— Talvez Picasso fosse precipitado no seu julgamento. Talvez não pensasse que Franco viveria tanto. Antes da guerra, a política interessava muito pouco ao mestre.

Em abril de 1970, Picasso dizia:

— Alguém sempre anuncia meu regresso. Não é verdade. Seja corrida de touros ou exposições de arte, nunca voltarei à Espanha, pelo menos enquanto a terra onde nasci estiver sob o regime de Franco.

Um pouco dele

Uma volta ao passado de Picasso pode explicar muito de suas atitudes como homem e artista. Em 1881, ano que nasceu, em Málaga, Van Gogh fazia 28 anos, Cézanne 42, Rousseau 37 e Matisse, com 12 anos, já pesquiava as cores.

Seu pai, D. José Ruiz Blasco, era professor da Escola de Belas-Artes de Málaga, mas esse pomposo cargo não tinha correspondência financeira. A pobreza do pai talvez tenha resultado em Picasso se haver tornado um trabalhador das artes, porque sua pro-

dução sempre foi incessante e volumosa.

Quando lhe perguntaram porque suas pombas nunca tinham pés, ele respondeu:

— Meu pai era professor de arte e ganhava pouco. Para completar o orçamento fazia quadros de encomenda, onde as pombas eram seu tema predileto. Quando sua vista começou a cansar eu pintava os detalhes para ele. Foram tantos os pés de pombas desenhados que decidi decapá-los em meus quadros, tal a aversão que tomei deles.

Em Barcelona, onde chega com a família aos 13 anos de idade, há um período relativamente feliz e folgado financeiramente. Mas em 1900, com 19 anos, em Paris, o jovem Picasso vê-se rodeado pela pobreza e as coisas tristes que andam junto com ela. Vagueia pelas ruas com seu amigo Manolo, enfrentando a miséria. Surge "Entreinte": um homem e uma mulher vestidos abraçam-se perto da cama onde irão se amar, um ar de sensualidade pura e sadia. Logo em seguida a fase azul, que Claire Gilles Guibbert assim descreve:

— Este azul, quase puro, dá à sua obra uma atmosfera triste e que se casa com os personagens nela integrados. É uma visão generosa, dona de uma ternura exagerada pelos que sofrem, pelos doentes, pelos desclassificados. Aqui um velho e miserável judeu, lá uma admirável tela de saltimbancos, ambos igualmente vencidos pela vida. Horrificado com a pobreza, ele ama suas telas, as quais, por sua vez, nos horrores pelo seu cotidiano trágico e sem alegria.

As épocas

A generosidade do jovem, sua sensibilidade para captar as angústias da sociedade é a marca deste período azul "realisticamente descrito, mas românticamente exprimido". Depois o período negro, que com cores e cores de madeira revela a influência dos fetichistas africanos. Antes já tinha dado as costas à glória certa do período azul para tentar uma arte mais abstrata e menos sentimental, influenciado pela "visão lógica" de Cézanne.

Até que em 1907 "Demoiselles d'Adignon" anuncia a revolução plástica que transformou a pintura. É o cubismo, uma pesquisa de volumes através dos quais se exprime a natureza. Os elementos secundários são abolidos, a realidade visual é relega-

da a segundo plano e a alma do artista converte-se na realidade essencial.

Do Cubismo que o levou ao lugar mais alto na pintura do século vinte, influenciando tudo que veio depois, Picasso ainda não descansou e manteve-se na sua característica principal: de trabalhador da arte, de produtor incansável, uma energia constante levando-o sempre a criar.

Até teatro escreveu. E dois atores representaram sua peça na França recém-libertada de 1945: Camus e Sartre. Foi sempre rompendo com as escolas que ele mesmo criou que chegou à mais variada experiência. E essa dinâmica apenas tornou-se sua característica, porque não há ligação nas obras, de uma época para outra. Um motor de arte.

Agora os filhos de seus vários amores fazem tudo junto aos tribunais, para que Picasso reconheça sua paternidade sobre eles. O mestre continua trabalhando. É certo que alguns sintomas da senilidade vão surgindo. Aparecem pelas onze horas, quando acordava, e como todo velho resmungão que não tem apetite, que está de crepúculo, que não o ouvem, que esperam apenas que morra para deixarem a mão em seus quadros, seu dinheiro, suas propriedades. A segunda crise chega depois do jantar. Como a outra serve-lhe para enganar a dor maior: a saudade da Espanha. Se um guitarrista flamenco estiver por perto Picasso lhe pedirá por certo uma "Malagueña". E as lágrimas lhe vêm aos olhos. Pode esquecer-se um pouco de Franco, das batalhas perdidas pela República. A Espanha volta a ser o mundo selvagem do vinho e das oliveiras para o homem dos muitos quadros, dos muitos amores, que não envelheceu até hoje. Claire Guibbert o define:

— É um homem que vive por sensações e sentimentos sucessivos, permitindo, com seu senso de vitalidade a expressão de forças físicas e espirituais. O lirismo inspira entretanto todas as suas ações como homem e como artista. Mas seu lirismo plástico, às vezes quase uma abstração, não se esquece nunca de guardar pontos de contato essenciais com a realidade, que interdita todo compromisso com a fantasia ou a arte decorativa. Sua sensualidade, sua exaltação pessimista da vida, encontramos em tons as etapas de sua carreira artística. Quem não tralá a grande palavra realizou uma obra humana.

MÁRIO FONSECA

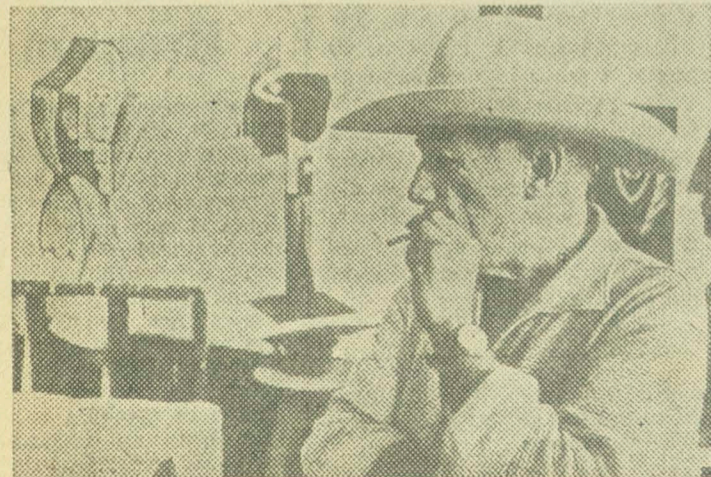
Fotos de David Douglas Duncan ("O Mundo Privado de Pablo Picasso")



Com chapéu de Córdoba e capa espanhola.



Numa brincadeira, como palhaço italiano.

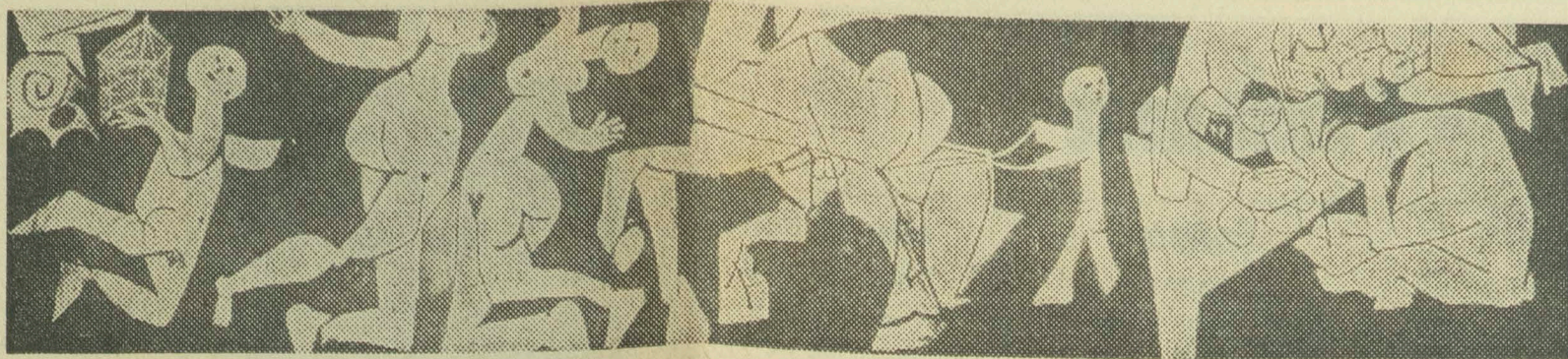


Com chapéu de vaqueiro e quadros a óleo

O que vocês pensam que seja um artista? Um imbecil feito só de olhos, se é pintor; ou de ouvidos, se é músico; ou de coração em forma de lira, se é poeta; ou mesmo feito só de músculos, no caso de um pugilista? Muito ao contrário. Ele é um ser político, sempre alerta aos acontecimentos, sejam tristes, alegres, violentos. E a eles reage de todas as maneiras. Não: a pintura não é feita para decorar paredes. É um instrumento de guerra (Picasso).



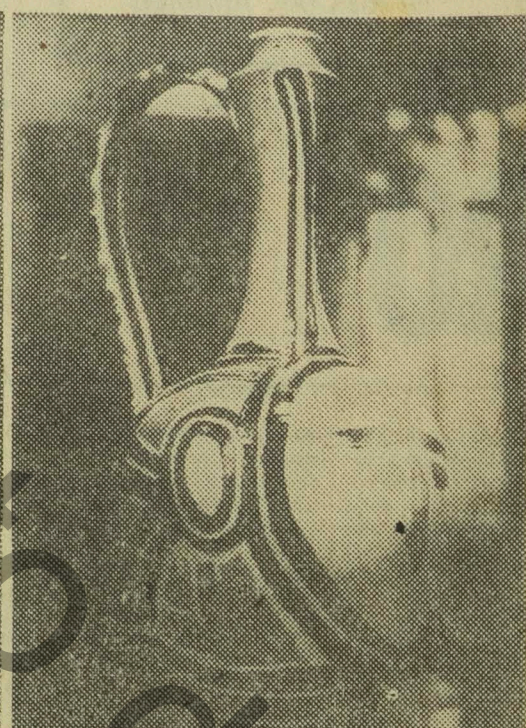
No balcão do terceiro andar de La Californie, antiga residência.



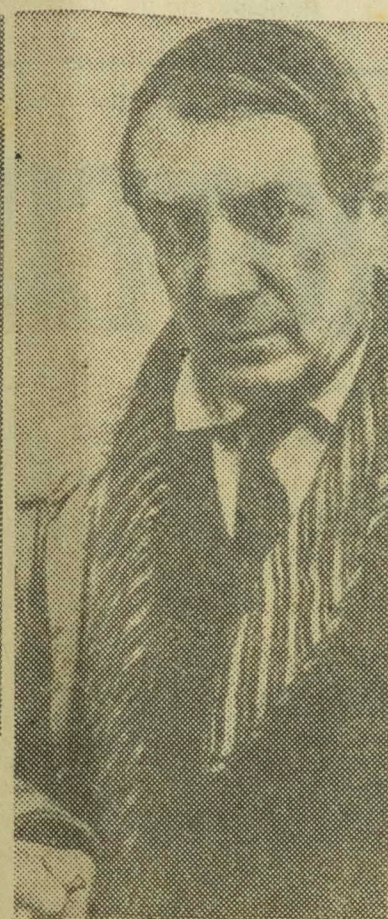
PICASSO, 90 ANOS



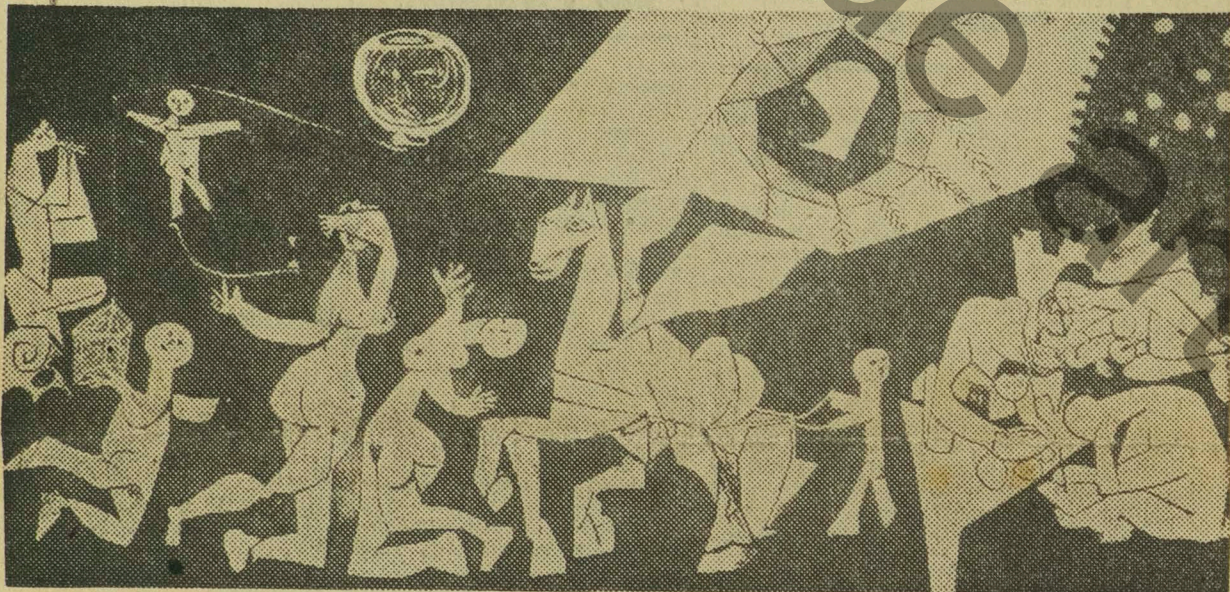
Uma "demonseur d'Avignon" (1906)



Cerâmica exposta em 1953 na Galeria Louise Leiris



Em 1935, um revoltado contra os acadêmicos



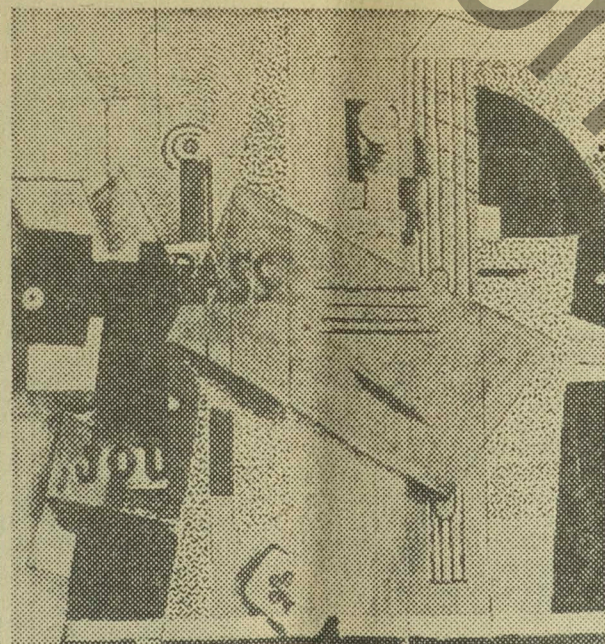
Parte de mural "A Guerra e a Paz"



Affiche do Teatro Molière. Ver assinatura.



"Jeune Femme", de 1954



"Natureza Morta", de 1914

Seu maior colecionador: êle

HARVEY HUDSON
da Associated Press

PARIS — Pablo Picasso continua em plena atividade e possui uma das maiores coleções de arte moderna do mundo.

Seu aniversário será comemorado em todo o mundo, mas acredita-se que o artista não participará. Picasso odeia aniversários, proíbe qualquer conversa sobre a morte e age sempre como se esperasse viver até cem anos.

Poucas visitas tiveram acesso a sua casa de Mougins, com vista para o Mediterrâneo. Somente seus velhos amigos têm acesso à residência, transpondo a porta de ferro controlada eletronicamente.

Através destes poucos privilegiados sabe-se que o mestre goza de excelente saúde e continua trabalhando em ritmo acelerado.

O ritmo de sua vida está mais lento em tudo, menos no trabalho. Picasso já não vai à praia, não assiste touradas. Há poucos anos seu motorista particular o levava a passear pelo campo, mas também nestes passeios de carro foram suspensos, assim como seu aparecimento inesperado em cidades para assistir exposições de arte. Atualmente êle só sai para ir a Cannes.

O furioso amor pelo trabalho fez de Picasso um dos artistas mais prolíficos da História. Produz com mais rapidez do que a maioria dos artistas. Sabe-se que termina vários quadros a óleo por dia. Picasso também já viveu mais do que a maioria dos mestres da pintura. Michelangelo viveu 89 anos.

Milhares de quadros a óleo de Picasso estão espalhados em museus de todo o mundo. O Museu de Arte Moderna de Nova York tem mais de 300 obras. Muitas percentem a coleções particulares. Não há meio de contar toda a produção de Picasso, mas a maior coleção é a dele.

Nem mesmo o artista sabe quantos quadros, esculturas, obras em cerâmica e outros produtos de sua fértil imaginação estão em sua casa. Algumas obras Picasso conservou apenas por-

que gostava e outras porque não conseguiu comprar. A maioria foi deixada de lado para impedir que sua prodigiosa produção provocasse uma saturação do mercado.

Em 1969 em Avignon houve uma exposição de 165 trabalhos de Picasso. Com exceção de duas naturezas mortas, êle havia centralizado sua atenção para as crianças, mulheres e mosqueteiros.

Mais recentemente Pablo Picasso apresentou uma série de desenhos sensuais, que representavam cenas de um bordel.

O DESEJO

Seu velho amigo, o pintor, fotógrafo e escritor Brassai, relatou num artigo do *Figaro Littéraire* que Picasso havia dito ao vê-lo:

— Quando te vejo, minha primeira reação é levar a mão ao bolso em busca de um maço de cigarros para oferecer um, como antes. Sei muito bem que nenhum de nós dois fuma. A idade nos obrigou a deixar o cigarro, mas continuamos com o desejo de fazer amor. Já não fazemos, mas conservamos o desejo.

Um dia avisou aos visitantes que tivessem cuidado ao entrar na sala, porque o chão estava coberto por desenhos. "A tinta está fresca ainda", explicou Picasso. "Foram feitos com uma tinta maravilhosa; Van Dick. É muito bonita, mas tem o defeito de escorrer. Por isso pinto no chão."

As paredes e o chão do atelier estão cobertos por quadros de todos os tamanhos, amontoados uns sobre outros. Quase todos com data de 1971. Picasso trabalha normalmente até depois da meia-noite, de bermudas e às vezes sem roupa.

Em sua vila, Notre Dame de Vie, êle construiu três armazéns e alguns ateliers, simplesmente para guardar seu tesouro. Nas duas residências anteriores, o Castelo de Vauvenarg e a Vila Califórnia, em Cannes, guarda obras suas

e de outros artistas como Matisse, Raoul Dufy, Jean Cocteau, Braque, Leger e Cezanne. O que acontecerá a este tesouro quando Picasso morrer, ninguém sabe. Seus amigos íntimos dizem que êle não gosta de tomar decisões.

A REUNIAO

Quando completou 85 anos, o governo francês organizou em Paris uma amostra retrospectiva de 282 quadros, esculturas, desenhos e gravuras, que representavam aspectos de sua carreira.

Este ano, para seu 90.º aniversário, a França reunirá um grande número de Picassos, propriedade de museus do Governo, na grande Galeria do Louvre. Será esta a primeira vez que um artista vivo é homenageado com uma exposição no mais prestigioso salão do Louvre.

Picasso irritou-se certa vez quando um tribunal o despejou de um estúdio em Paris, onde havia trabalhado doze anos. Os proprietários queriam recuperar o local e Picasso afirma que as autoridades francesas nada fizeram para ajudá-lo a conservar o estúdio. Ele revoltou-se também contra as autoridades de Mougins, quando proibiram que construísse mais um andar na sua vila.

Se Picasso não fizer testamento de como será dividida sua coleção após a morte, esta será entregue à sua família. Jacqueline, sua esposa desde 1961, receberá metade das propriedades.

Picasso tem um filho, Paul, nascido de seu casamento com Olga Koklova, e três filhos naturais: Maya, filha de Marietherese Walker, nascida durante a época em que viveram juntos; e dois filhos com Françoise Gilot: Paloma e Claude.

Segundo a lei francesa, os filhos naturais receberão uma parte menor das propriedades do que outros filhos, a não ser que Picasso deixe testamento de como dividir sua herança.

Viva la vida!

Depois de amanhã, dia 25, Picasso terá noventa. O mundo inteiro trombeia o evento. Uma corrente de júbilo define-se entre os mais diversos povos. O reconhecimento dos sucessos de Picasso não tem similares em nosso século, e possivelmente jamais um outro artista, nem mesmo na Itália Renascentista, suscitou reconhecimento nas mesmas proporções. Por diversas vezes o mundo já se tem unido para comemorar uma grande data. Picasso. Seus oitenta anos causaram comoção invulgar. Antes deles, os setenta, e mesmo o meio centenário do início de sua produção artística, em 45, provocaram outros intensos tumultos no mundo intelectual.

Provavelmente nenhum outro pintor em toda a história foi objeto de número tão grande de estudos críticos e literários. Ensaios, narrativas anedóticas e memórias sobre Pablo Ruiz surgem num caudal incessante. Os próprios estudos da bibliografia a respeito de Picasso são numerosos. Sobre cada nova grande comemoração, sobre cada novo momento de júbilo excepcional, parecia pairar a sombra de uma triste ameaça. Talvez que, quando da próxima ocasião, Picasso já não pudesse dela participar, ou dela tomar conhecimento.

Desta vez, algo diferente se passa. A humanidade aplaude os noventa com uma grande esperança de poder aplaudir, em condições semelhantes, o centenário. A raça dos pintores costuma ser tenaz. Michelangelo foi-se aos oitenta e nove em constante atividade. Sua última tarefa foi a cúpula de São Pedro de Roma. Tiziano, dizem, só se rendeu à peste, menos de um ano antes de chegar aos cem. Já em seus últimos anos, lamentava não ter tido tempo de concretizar seus projetos.

Sua produção recente é uma enorme coleção de desenhos e gravuras dominados pelo tema erótico. Se a enorme segurança e o enorme refinamento de sensibilidade que tais obras evidenciam seriam dificilmente concebíveis num adolescente obcecado pelo sexo, sua estupenda energia parece indicar um homem que acaba de se acostumar a seu período de maturidade. Nada há de saudosismo ou de "recordação".

Sua energia é contrabalçada ou limitada apenas por sua agilidade. O erotismo picassiano continua a afirmar-se como o próprio oposto da decadência — um hino à vida, à renovação perene, e, sobretudo, ao prazer

que se justifica a si mesmo.

O mestre supremo da deformação da figura, capaz de excursionar com o maior êxito em absolutamente qualquer campo da figuração, não consentiu jamais na deformação expressionista que retrata o lado grotesco e decadente da vida. Nem mesmo Goya seguiu um caminho semelhante. Em Picasso, a deformação da figura foi sempre fruto de uma espécie de excesso de energia vital, nunca o sinal de uma carência de força, de uma exaustão, de uma luta que continua além dos limites que lhe seriam próprios. Picasso é, assim, o anti-Ensor, o anti-Nolde, o anti-Kokoshka. Ele é também o anti-Dali, e o anti-surrealista em geral. O mundo da imaginação, que nega ou transmuta o real, não lhe interessa. *Guernica*, por exemplo, é trágico, porque representa a destruição de uma capacidade de vida plena, o impedimento bestial e criminoso de uma vontade de vida e de prazer. *Guernica* é a obra de um superhomem nietzschiano, que conhece a tragédia e pode até amá-la, mas que simplesmente ignora a decadência e a decomposição.

Por isto podemos confiar no centenário.

Não teria sentido esboçar-se, hoje, um verbete biográfico de Pablo Picasso. Apenas relembramos de passagem os chamados períodos azul e rosa, o período anunciador do cubismo, que culminou com as *Demoiselles d'Avignon*, o desenvolvimento próprio do cubismo, ao mesmo tempo que Braque, e a espécie de libertação básica posteriormente sofrida por sua figuração, descomprometendo-se com estilos e permitindo-se todas as ouzadas e todas as metamorfoses.

No contexto de suas múltiplas evoluções, Picasso foi também um dos pioneiros das colagens — não só as que serviam aos propósitos da análise e da síntese cubistas, como ainda as colagens bem mais livres que dominavam algumas composições, em certos casos, quase à maneira dos *combine-paintings*, procurando efeitos de texturas capazes de evocar um Burri, por exemplo.

No domínio da escultura, que Picasso tem cultivado de modo também frenético, sua tendência à experimentação afirmou-se de modo talvez ainda mais claro. Embora preferindo o bronze, Picasso recorreu com freqüência a materiais insólitos e inusitados, muitas vezes a elementos característicos, como *ready-made* e *objects-trouvés*.

Uma peça por êle composta, que despertou seu próprio entusiasmo, foi uma cabeça de touro, na qual êle simplesmente associou o *guidon* de uma bicicleta a seu assento. Se esta composição é da década dos quarenta, já no início da segunda década do século — portanto, durante os próprios anos em que também Duchamp fazia suas inovações proféticas — Picasso realizava construções com peças de madeira, cordas, fios metálicos e outros materiais, que ainda hoje conservam um aspecto de pesquisa recente. Igualmente, suas construções em ferro forjado, nas quais a ousadia formal atinge seu máximo, exibem algo muitas vezes próximo de modalidades avançadas de criação em nossos dias. Além da atividade na escultura e no quase "objeto", Picasso é ainda um trabalhador profuso na cerâmica. No cenário teatral, sua atividade foi igualmente intensa, algumas vezes concretizando pontos de partida para todo um novo caudal de invenção. Amigo constante de literatos e poetas, Picasso, por um tempo, voltou-se à tarefa da ilustração de textos.

Ao mesmo tempo que se afirma como um dos artistas mais influentes da história — o seu cubismo e diversas dentre suas maneiras típicas de figuração, na tela, na cerâmica e na escultura são prova disto —, Picasso define-se também como um supremo individualista, como um caso todo à parte, como um artista que, em seu aspecto global, é um fenômeno isolado, transcendendo qualquer movimento particular e incapaz de enquadrar-se em qualquer escola (embora não incapaz de desencadear escolas).

Seu extremo individualismo fez mesmo com que sua opção política radical jamais representasse para êle qualquer espécie de jugo. Picasso permaneceu sempre avesso a qualquer orientação de partido, a qualquer programa que não tenha sido concebido por êle mesmo.

Os noventa anos de Picasso são a história viva — o testemunho mais feliz do pleno encontro entre o gênio e a glória. Saber que tais coisas podem acontecer — que uma vida tão longa e tão intensa criadora encontrou sempre o pleno reconhecimento da humanidade — renova as nossas esperanças em um futuro melhor, abre uma promissora exceção nas ameaças das mais diversas ordens que nos cercam.

Gloria in excelsis!
JAYME MAURICIO